

 10.46943/VII.CONAPESC.2022.01.055

INTRADISCIPLINARIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA UFPE

JOSIAS IVANILDO FLORES DE CARVALHO

Professor Substituto do Magistério Superior, do Departamento de Ciências Geográficas – DCG, Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO, ambos da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Professor Efetivo da Secretaria da Educação do Estado de Alagoas – SEDUC-AL josias.carvalho@ufpe.br. Colaborador no Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente – LEGEP/UFPE e membro dos grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Inovação GPECI – UFPE; do Grupo de Pesquisa Saberes na Educação Geográfica – GPSEG/UEPB, do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento do Espaço, Território e Região – GPDeTER/UPE; do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação – FOPTIC/UFS.

RESUMO

Abordar a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na formação de professores de Geografia é sempre um desafio, que merece ser enfrentado para avançarmos na efetivação de uma universidade e de uma sociedade mais holística. É desafio, porque o movimento intradisciplinar e interdisciplinar, requer por parte dos docentes formadores, um maior e melhor esforço do seu conjunto de saberes específicos em uma determinada área da ciência, que foram construídos ao longo de um mestrado, doutorado, pós-doutorado e, pelo exercício permanente na sua profissão, indo ao encontro de colegas de outras áreas, que percorreram uma trajetória universitária semelhante. O objetivo central deste artigo é: compartilhar uma experiência formativa de professores de Geografia para a intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade. Posto isto, a problemática levantada é a seguinte: como construir um diálogo entre as diversas disciplinas na formação inicial de professores de Geografia para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na Educação Básica? Este estudo, segue uma abordagem qualitativa, posto que será trabalhado com fenômenos humanos atentos ao universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes, em uma perspectiva

processual, dinâmica e complexa do ser e fazer ciência na área das ciências humanas. Os procedimentos adotados foram: levantamento bibliográfico, análise de fotos e a socialização do vivenciado em aula de campo por este autor. Tendo como intuito, expressar o máximo das contribuições de uma ação didática geográfica para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na formação de professores de Geografia. A reflexão e os resultados apresentam que iniciativas que buscam tornar o curso de Licenciatura em Geografia mais dialógico e holístico, através de ações didáticas geográficas, que focam na intradisciplinaridade e na interdisciplinaridade contribuem para a formação de futuros professores de Geografia que poderão exercitar tais paradigmas nas suas futuras práticas pedagógicas nas escolas da Educação Básica de Pernambuco e do Brasil.

Palavras-chave: Formação de Professores de Geografia, Aula de Campo, UFPE, Paradigmas, Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

A bordar a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na formação de professores de Geografia é sempre um desafio, que merece ser enfrentado para avançarmos na efetivação de uma universidade e de uma sociedade mais holística. Porque o movimento intradisciplinar e interdisciplinar, requer por parte dos docentes formadores, um maior e melhor esforço do seu conjunto de saberes específicos em uma determinada área da ciência, que foram construídos ao longo de um mestrado, doutorado, pós-doutorado e, pelo exercício permanente na sua profissão, indo ao encontro de colegas de outras áreas, que percorreram uma trajetória universitária semelhante.

Na Geografia, temos um amplo campo de atuação, isso corrobora bastante para que os docentes universitários, que enxergam na intradisciplinaridade e na interdisciplinaridade paradigmas para reconstruir o seu saber-fazer docente diário, na formação dos futuros professores de Geografia que irão atuar, a priori, na Educação Básica. Carvalho (2019) enfatiza que desde a formação inicial, os professores de Geografia devem ser conduzidos pela intradisciplinaridade e interdisciplinaridade, visando aperfeiçoar o ensino de Geografia escolar de maneira mais significativa.

Este manuscrito, reflete um conjunto de esforços de alguns docentes universitários, do Departamento de Ciências Geográficas – DCG, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em prol de uma formação de professores de Geografia que dialogue mais com a intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade. Por esta justificativa, chega-se ao objetivo central deste artigo que é: compartilhar uma experiência formativa de professores de Geografia para a intradisciplinaridade e da interdisciplinaridade. Posto isto, a problemática levantada é a seguinte: como construir um diálogo entre as diversas disciplinas na formação inicial de professores de Geografia para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na Educação Básica?

Este estudo, segue uma abordagem qualitativa, posto que será trabalhado com fenômenos humanos. Os procedimentos adotados foram: levantamento bibliográfico, análise de fotos e a socialização do vivenciado em aula de campo por este autor. Tendo como intuito, expressar o máximo das contribuições de uma ação didática geográfica para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade na formação de professores de Geografia.

A reflexão e os resultados apresentam que iniciativas que buscam tornar o curso de Licenciatura em Geografia mais dialógico e holístico, através de ações

didáticas geográficas, que focam na intradisciplinaridade e na interdisciplinaridade contribuem para a formação de futuros professores de Geografia, que poderão exercitar tais paradigmas nas suas futuras práticas pedagógicas nas escolas da Educação Básica de Pernambuco e do Brasil, tendo como parâmetro os princípios do diálogo e da cooperação por meio de parcerias com seus colegas de trabalho.

A organização deste manuscrito segue assim: esta introdução abordando uma reflexão inicial; em seguida, temos um levantamento bibliográfico; depois, segue o compartilhamento da experiência exitosa e inovadora por meio da metodologia de ensino aula de campo; dando continuidade, chega-se a algumas considerações finais; e por fim, as referências que fundamentam o nosso refletir e fazer na área de Ensino de Geografia no DCG-UFPE no semestre de 2021.2.

METODOLOGIA

Este trabalho, segue uma metodologia de pesquisa científica ancorada na abordagem qualitativa, posto que será trabalhado com fenômenos humanos que focam: “[...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, conforme Minayo (2009, p. 21).

Os procedimentos adotados foram: levantamento bibliográfico, amparando-se em Marconi e Lakatos (2003) e Gil (2008), também na análise de fotos e na socialização do vivenciado durante as aulas de campo de nº 35 e 36, do semestre letivo de 2021.2, que foram realizadas no primeiro semestre de 2022, devido ainda as consequências da Pandemia da COVID-19 no Ensino Superior.

As aulas de campo ocorreram de 11 a 13 de abril de 2022, envolvendo as disciplinas Estágio Curricular Supervisionado de Geografia II, Biogeografia, Geografia Cultural e Metodologia do Ensino de Geografia I, contando com três professoras e um professor do magistério superior.

Ambos os docentes são lotados no Departamento de Ciências Geográficas – DCG, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sendo as três professoras efetivas e o professor substituto, com tempo de trabalho diferentes na docência que variam de 2 a 16 anos.

Estes desenvolveram as aulas de campo, com intuito de vivenciar junto com os licenciandos a construção de habilidades e competências que envolvem a intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade pelas três grandes áreas de formação dos futuros professores de Geografia, que são: a Geografia Humana, a Geografia Física/Natural e o Ensino de Geografia.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE INTRA E INTER NA FORMAÇÃO E NO ENSINO

Ao longo do tempo, emergem novos paradigmas para que possamos refletir e propor ações mais pertinentes as demandas que surgem em nossa sociedade. Deste modo, o que seria a intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade? Antes de adentrarmos no compartilhamento da ação didática geográfica elaborada e desenvolvida pelos docentes do DCG da UFPE.

Para Carvalho (2019) a intradisciplinaridade é um conjunto de movimentos e atitudes que determinado sujeito, necessita construir para realizar um maior e melhor diálogo com as diversas áreas que compõe uma determinada ciência. Este autor, focaliza seu entendimento nas ciências geográficas, ponderando que os professores e os pesquisadores desta, devem realizar uma cooperação, colaboração e/ou aproximação que conduzam a uma visão holística de Geografia.

Já em relação a interdisciplinaridade, quem nos ajuda a entendê-la melhor é o Garcia (2005, p.9) que pontua o seguinte:

A interdisciplinaridade já foi descrita como forma de diálogo, de um encontro comunicativo entre áreas distintas do conhecimento. Mas a interdisciplinaridade se refere a um movimento de diálogo que compreende não somente saberes consolidados. A interdisciplinaridade se refere sobretudo a um diálogo envolvendo incertezas compartilhadas.

Seguindo por este estudioso, podemos assim, compreender que a interdisciplinaridade é um mecanismo de parcerias entre as diversas ciências, em suas mais diversas áreas do conhecimento, seja elas consolidados por determinados parâmetros científicos ou não. Observamos também, a partir de Garcia (2005) que a interdisciplinaridade ganha relevância diante de um mundo repleto de incertezas, devido as novas demandas das sociedades e dos acontecimentos ocorridos com a natureza.

A intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade são paradigmas que as ciências, em especial as ciências geográficas, podem encontrar apoio para sua legitimação, reafirmação e reconstrução em um mundo de fortes incertezas e de altas cobranças aos que fazem parte dela. Um ponto interessante destes paradigmas, é o estabelecimento central no diálogo, que para Freire (2016) é um princípio chave se quisermos mudar a sociedade, a educação e as ciências. Haja vista, que é a partir do diálogo, que podemos construir caminhos que levem a cooperação entre os pares.

Dando continuidade, adentramos no cenário da formação, onde Carvalho (2019) sugere aos futuros professores de Geografia que atuarão a priori, na Educação Básica, a necessidade de ser conduzidos, por ações formativas iniciais por meio da intradisciplinaridade, que lhes habilitarão em suas futuras práticas pedagógicas geográficas, ao encontro com a interdisciplinaridade escolar e social.

Mas, para que tal intradisciplinaridade e interdisciplinaridade aconteçam, faz-se necessário o domínio teórico-epistemológico-didático de Geografia por parte do profissional professor-geógrafo da Educação Básica e da Educação Superior, que são construídos e desenvolvidos ao longo de uma formação inicial, continuada, de cursos de especialização, mestrado, doutorado, entre outros. Posto que, ninguém sabe de tudo, mas, se estamos em busca do novo e, do inovar pelas ações didático-pedagógicas geográficas, temos que buscar o referido domínio.

Além disso, deve-se ir ao encontro das demais ciências e áreas do conhecimento, de forma consciente, atenta e rigorosa, com o seu saber-fazer e o saber-fazer dos outros. Assim, nos aproximamos de Ferreira, Hammes e Amaral (2017, p. 65) que nos esclarecem:

Assumir uma atitude interdisciplinar não significa abandonar ou menosprezar as especificidades de cada disciplina, mas perceber o que as une ou as diferenciam, para encontrar os elos, ou seja, as disciplinas podem e devem contribuir para a construção e reconstrução do mesmo conhecimento.

Devemos nos ater a isto, de maneira atenta, cuidadosa e respeitosa, se quisermos avançar na formação dos professores de Geografia e no ensino dos conhecimentos geográficos escolar e até universitário, tomo a liberdade e a coragem de pontuar. Diante disto, vamos ao encontro do Garcia (2005, p. 5) que corrobora nesta reflexão:

A formação de professores para a interdisciplinaridade poderia ser pensada como um aprender a recorrer a técnicas e instrumentos emprestados de outras disciplinas. De outro modo, poderíamos imaginar a formação dos professores para a interdisciplinaridade ao desenvolvimento de competências para “construir pontes” entre os conteúdos das disciplinas que lecionam, com os de outras disciplinas. Nesse sentido a formação teria como eixo um aprender a “construir pontes”. Entretanto, mais complexo seria pensar como formar professores capazes de práticas que envolvam a reconstrução de suas disciplinas, e de suas fronteiras, ao longo e através de práticas

de interdisciplinaridade com seus alunos. Isso iria solicitar não somente competências técnicas, mas envolveria toda uma revisão, e mesmo construção, de atitudes, o que não poderia ser desvinculado de transformações em suas próprias identidades profissionais.

Mediante esta citação, fica evidenciada a complexidade da formação de professores de forma interdisciplinar, e que em muito também converge para a intradisciplinaridade, que estamos percorrendo para a Geografia, a formação de seus professores e o ensino geográfico escolar. Destacando a citação supracitada, que o complexo e necessário é pensar, propor e desenvolver ações que reconstruam as disciplinas e nesta reconstrução interdisciplinar e intradisciplinar também reconstruam e inovem a formação dos professores de Geografia.

Ao revisitar a obra de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) é perceptível que a visão interdisciplinar para o ensino e a formação de professores de Geografia, estão ancorados nestes entendimentos, ao tempo em que estas especialistas, buscam uma Geografia atenta aos elementos humanos, físicos/naturais e ao ensino de Geografia pela intradisciplinaridade geográfica, e não a mera especialização de uma determinada área, que para elas (p. 161) “Essa fragmentação é importante porque se faz recorte para aprofundar o conhecimento em determinada área, mas não pode ser tomada como parâmetro para o ensino fundamental e médio”.

Por meio destas reflexões e provocações, no próximo item, dar-se-á o compartilhamento de uma ação didática geográfica, no intuito de possibilitar uma formação de professores de Geografia para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade. Porém, não foi, e não é, a pretensão de finalizar aqui, o diálogo com esses e outros estudiosos das questões da intradisciplinaridade e interdisciplinaridade, da formação e do ensino de Geografia. O intuito é o surgimento de novas reflexões que ajudem a pensar tais temáticas complexas que se inter-relacionam.

COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

A experiência aqui compartilhada, ocorreu na cidade de Tamandaré, que está localizada no litoral sul do estado de Pernambuco. Estiveram a frete da aula de campo quatro docentes, 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, do curso de Licenciatura em Geografia, do DCG da UFPE, os docentes possuem graduação inicial em Geografia. Mas, no aprofundamento dos estudos, uma professora

possui especialização, mestrado e doutorado em Oceanografia Biológica, esta responsável pela disciplina de Biogeografia.

As outras duas professores possuem mestrado e doutorado em Geografia, uma delas possuindo pós-doutorado em desenvolvimento urbano, sendo responsável pela disciplina de Geografia Cultural e a outra pela disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia I. O docente possui mestrado em Geografia e realiza doutoramento em Geografia, sendo responsável pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Geografia II e tendo suas pesquisas vinculadas a área de Ensino de Geografia desde a graduação.

Estes esclarecimentos, entorno da formação dos docentes, se fazem necessários porque irão nos ajudar a compreender as ações didáticas geográficas para a intradisciplinaridade e interdisciplinarizadas, que serão expostas diante das fotos e das vivências que serão compartilhadas neste item.

Deste modo, os docentes estabeleceram como objetivo geral para a aula de campo: possibilitar ao discente de graduação a execução de um trabalho prático de observação e análise geoambiental de diferentes ecossistemas, articulado aos conteúdos trabalhados em sala de aula pelas diferentes disciplinas que constituem a formação dos futuros professores de Geografia.

Ficando assim, estabelecido que em aula de campo, os docentes e os discentes buscariam articular os conhecimentos teóricos específicos lecionados e cursados, com o percebido e vivido na paisagem e no espaço geográfico da cidade escolhida para a aula de campo conjunta. Logo, buscando um estado constante de teoria-prática-reflexão na formação inicial dos professores de Geografia.

Em relação aos objetivos específicos, os docentes estabeleceram alguns, com foco em suas disciplinas, mas, que se interligassem com as dos colegas, e foram os seguintes: observar os ecossistemas Mata Atlântica, Restinga, Manguezal, Estuário e Praia, reconhecendo suas principais características físicas e biológicas, bem como os fatores que condicionam as suas ocorrências e identificar os fatores atuantes nos ecossistemas observados.

E continuam com: compreender como a Geografia interfere na cultura e o quanto ela tem a capacidade de influenciar a organização do espaço, a partir da observação das dinâmicas entre sociedade e natureza na APA de Guadalupe; construir, através do conhecimento e experiência da e na Geografia cultural, as concepções de alteridade e interculturalidade; oportunizar o exercício do planejamento e prática pedagógica no ensino de Geografia; reconhecer diferentes paisagens e conceitos geográficos para a identificação, concepção e aplicação de diferentes metodologias do ensino em turmas de Geografia do Ensino Fundamental II, Médio e EJA.

Tais objetivos ficariam mais visíveis, para os licenciandos, durante os momentos de estudos ocorridos em aula de campo. A intencionalidade dos docentes foi proporcionar aos licenciandos uma experiência diferenciada e significativa.

Como visto, em Garcia (2008), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), Ferreira, Hammes e Amaral (2017) e em Carvalho (2019), para que ocorra a intradisciplinaridade e a interdisciplinaridade, faz-se necessário domínio do conteúdo específico e do surgimento de diálogo com outros profissionais. Mas, na socialização desta experiência, não adentraremos a fundo nos conteúdos, e sim, no processo de construção de um movimento de parceria voltada para a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade por docentes e discentes da Licenciatura em Geografia pelo diálogo e cooperação que os supracitados autores sinalizam.

Na foto 1, observa-se os licenciandos conhecendo um pouco da história do CEPENE, sua fundação, suas pesquisas desenvolvidas, suas parcerias com a comunidade de Tamandaré, seus desafios enquanto instituição de meio ambiente no Brasil, etc. O Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste – CEPENE, juntamente com outras instituições fazem parte dos Centros Nacionais de Conservação do ICMBio, o CEPENE foi fundado em 11 de outubro de 1983.

Foto 1 – Conhecendo o CEPENE



Fonte: autor, abril de 2022.

Nesta foto 1, ocorreu um momento de reflexão, que teve como intuito pedagógico conduzir os futuros professores de Geografia a conhecer o CEPENE e a partir deste conhecimento, propussem uma aula de campo e uma excursão didática para o Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA. Dado que, haviam estudado na universidade o planejamento e as metodologias aula de campo e excursão didática, fazendo agora com que eles exercitassem mentalmente como organizar suas futuras práticas pedagógicas geográficas.

Os docentes formadores por sua vez, usaram da palavra para contextualizar os seus conteúdos, desde das culturas, dos biomas, da conservação e preservação, da economia, dos impactos socioambientais, do avanço da ocupação das linhas de costas, entre outros, que podem ser abordados pelos mesmos a partir dos conhecimentos construídos nas universidades e na aula de campo.

Nesta segunda foto, os discentes fazem uma observação de um painel com as principais pesquisas já desenvolvidas ou em desenvolvimento pelo CEPENE, em parceria com a UFPE, UFRPE, UPE, IFPE, etc. Houve uma escuta atenta, as explicações de uma monitora voluntária, o que ajudou os discentes entenderem melhor as funções e importância do CEPENE, que se constituiu ao longo das décadas como espaço de pesquisa, de ensino e também de extensão para a conservação ambiental brasileira.

Foto 2 – Conhecendo as Pesquisas Desenvolvidas no CEPENE



Fonte: autor, abril de 2022.

A foto 3 na próxima lauda, é possível ver um espaço no CEPENE, dedicado a algumas mostras de animais, rochas e corais existentes na área de proteção ambiental - APA onde o CEPENE está localizado. Funciona como um museu e é um espaço bem interessante, para que alunos e professores tenham dimensão, se sensibilissem e construam uma consciência sobre a importância da conservação e preservação do litoral brasileiro.

Foto 3 – Museu de Espécies Marinhas no CEPENE



Fonte: autor, abril de 2022.

A foto 4 na próxima lauda, temos a exposição de algumas pesquisas sobre aspectos da biodiversidade marinha da APA de Guadalupe, onde os discentes e os docentes pararam um pouco para analisar e entender as pesquisas da área da pesca, da oceanografia e da biologia. Foi um momento bem interessante de aprendizagem, pois surgiram perguntas e reflexões em duplas, trios e individuais.

Foto 4 – Exposição de Pesquisas sobre a Biodiversidade Marinha



Fonte: autor, abril de 2022.

Em relação a foto 5, é possível visualizar os discentes e docentes em um laboratório que utilizado por pesquisadores para estudos de peixes, crustáceos, algas, etc., que ajudam a entender o ambiente marinho e sua relação com o continente. A monitoria estava acompanhando os discentes e os docentes, explicando e tirando algumas dúvidas.

Foto 5 – Visita ao Laboratório de Pesquisas Marinhas



Fonte: autor, abril de 2022.

Já a foto 6, observa-se o docente da área de ensino de Geografia, analisando amostras de peixes, crustáceos, etc., e o modo de fazer pesquisa nas Ciências Exatas e da Terra. Ao tempo em que, pôde realizar ligações, para o como fazer, no momento de ensino dos futuros professores de Geografia em relação aos temas meio ambiente e pescaria dos mares. Além, de explicar os licenciandos que cada ciência tem seu método de fazer pesquisas, mas que em alguns momentos, podem se interligar para entendermos melhor a sociedade e a natureza.

Foto 6 – Laboratório com Mostras de Espécies Marinhas em Estudo



Fonte: autor, abril de 2022.

Na foto 7 da próxima lauda, temos marcas na paisagem de um processo de modificação das funções sociais de uma estrutura que serviu como espaço para formação de padeiros e de outros profissionais, e que atualmente se encontra desativado e abandonado. Assim, observando que a cultura econômica vigente altera as relações de formação de profissionais. Dado que, o litoral de Tamandaré, vem demandando formação de outros profissionais, ligados ao turismo, tecnologia, meio ambiente, etc.

A professora de Geografia cultural, de Metodologia do Ensino de Geografia 1 e o professor de Estágio II terceram comentários, sobre os processos econômicos, políticos e culturais que podem ter contribuído para esta situação, e como

os alunos da Educação Básica podem ser conduzidos a uma reflexão crítica a partir da paisagem e do espaço geográfico.

Os licenciandos realizaram comentários, afirmando que o prédio poderia ser revitalizado, para ser espaço de pesquisa e ensino, servir como base para os pesquisadores de todas as regiões do país, que possuem pesquisas voltadas para os ambientes costeiros e do mar. Também, fizeram colocações no sentido que o abandono deste prédio é a mostra fiel de uma parcela dos nossos representantes e governantes que não estão preocupados com a ciência, com a vida marinha e muito menos com as populações que vivem da cultura e da economia destes locais.

Assim, temos a formação de futuros professores atentos ao cenário da ciência e da educação que os cercam, logo poderão formar alunos da Educação Básica, comprometidos com a ciência, a educação e os ecossistemas marinhos e suas relações com os homens e mulheres que vivem no litoral.

Foto 7 – Processo de Modificação da Paisagem



Fonte: autor, abril de 2022.

Neste sentido, a foto 8 da próxima lauda, representa um momento da ação didática geográfica, com os licenciandos de Geografia, que permitiu com que conhecessem a cultura dos pescadores locais e seus entendimentos sobre o mangue, o mar, a ocupação das praias, meio ambiente, suas culturas

economicas, entre outras questões. Posto que, Tamandaré é uma cidade que está sofrendo bastante com os efeitos da especulação imobiliária, o surgimento de condomínios fechados a beira mar, onde tudo isto está trazendo consequências socioambientais ao local que vivem.

Foto 8 – Visita ao Mangue



Fonte: autor, abril de 2022.

Está troca, pôde construir nos licenandos, uma noção de alteridade e inculturalidade das populações que vivem dos magues e da natureza litoranea. Permitindo assim, que a visão de exploração e consumo desenfreados, devem ser revistos pela sociedade em relação ao litoral pernambucano e brasileiro.

A última foto 9, observamos discentes percorrendo o mangue, fazendo um contato com esse ecossistema, onde puderam observar suas principais características físicas e biológicas, bem como os fatores que condicionam as suas ocorrências, identificando os tensores atuantes nos ecossistemas observados e a sua importância para a natureza e para sociedade.

Foto 9 – Visita ao Mangue



Fonte: autor, abril de 2022.

Por meio do compartilhamento desta experiência formativa, com a participação de docentes das mais diversas áreas da Geografia, é possível notar que o primeiro passo foi dado, para a efetivação de um movimento intradisciplinar e interdisciplinar na formação de professores de Geografia, que poderá melhorar

significativamente o ensino escolar e universitário em um tempo curto, médio ou longo.

Esta análise e interpretação se baseou em fotos e em momentos vivenciados durante a aula de campo. Deste modo, foi pretendido trazer o máximo dos fenômenos ocorridos em sua íntegra. Mas, reconhecemos que pode ter ocorrido de algum ter nos escapado, diante de nossa organização. Porém, entendemos que o mais importante foi feito: a sistematização de uma experiência que merece ser divulgada para além do DCG e da UFPE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do vivenciado, pode-se observar, que a união de 4 professores em prol de uma ação didática geográfica preocupada com a intradisciplinaridade e interdisciplinaridade contribuiu para que os princípios do diálogo e da cooperação fossem construídos, visando uma formação de professores mais inovadora e atenta ao mundo complexo que estamos vivendo.

Reafirmo, que a interção deste artigo, não é o aprofundamento em conteúdos intradisciplinares e interdisciplinares trabalhados na universidade e na aula de campo, mas sim, socializar um movimento docente que poderá trazer benefícios para pensarmos e propormos cursos e profissionais de Geografia mais holístico, sem perdemos a gênese da Geografia e sua contribuição para a sociedade e para os fenômenos físicos/naturais ensinados e pesquisados.

Desta forma, faz-se necessária, mais aulas de campo de forma intradisciplinar e interdisciplinar, que articulem melhor os conteúdos da Geografia Humana, Geografia Física/Natural e o Ensino de Geografia e as suas correlações com outras áreas, além de novos trabalhos que apresentem a articulação dos conteúdos e das áreas por meio da metodologia aula de campo, pensadas e desenvolvidas por docentes formadores de professores de Geografia.

Este trabalho, deixa a possibilidade do surgimento de reflexões, questionamentos e provocações em relação a intradisciplinariade e interdisciplinaridade na Geografia e em outras ciências e cursos, em espaços universitários, escolares e na sociedade que merecem ser discutidos e aprofundados por diversos especialistas em uma perspectiva holística e processual.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. I. F. **Formação inicial de professores de Geografia por meio do PIBID: trajetórias formativas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

FERREIRA, F. M. N. S; HAMMES, C. C. e AMARAL, K. C. C. Interdisciplinaridade na Formação de Professores: rompendo paradigmas. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 4, p. 62-76, dez., 2017. Disponível em: file:///C:/Users/josia/Downloads/351-237-PB.pdf. Acesso em: 23 mar. 2019

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed., 54ª, 2016.

GARCIA, J. **Ensaio sobre interdisciplinaridade e formação de professores**. Universidade Tuiuti do Paraná, 2005. Disponível em: www.sieduca.com.br/2005/2005/artigos/A4-2. Acesso em: 11 fev. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, I. T e CACETE, H. N. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, A. L. G. e FAZENDA, I. C. A. Formando Formadores Para a Interdisciplinaridade: sutilezas do olhar. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 9-20, out. 2014. Disponível em: <http://seer.ufms.br/ojs/index.php/deaint/article/view/562>. Acesso em: 21 jan. 2019.